

# • TRADUÇÃO

# INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE FRASEOLOGIA, LINGUÍSTICA DE CORPUS E ESTUDOS DA TRADUÇÃO: ANÁLISE DE COLOCAÇÕES VERBAIS NA OBRA ITALIANA *TRE METRI SOPRA IL CIELO* E EM SUA TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS

**Ariane Lodi\***

**Marilei Amadeu Sabino\*\***

**Adriane Orenha Ottaiano\*\*\***

**Resumo:** O presente artigo tem por finalidade apresentar os resultados de uma pesquisa feita a partir da análise de colocações verbais extraídas de um *corpus* paralelo formado pela obra italiana *Tre metri sopra il cielo* e por sua tradução para o português *Três metros acima do céu*. Para tal, utilizamos o programa WordSmith Tools que colaborou na escolha dos verbos analisados. Apresentamos, como arcabouço teórico referente aos estudos fraseológicos, Corpas Pastor (1996), Ortiz Alvarez (2000) e outros, e, às colocações, Orenha-Ottaiano (2009), Biderman (2005), Tagnin (1998), entre outros. Na interface com a linguística de *corpus* e os estudos da tradução, citamos Baker (2000), Tognini-Bonelli (2001), Olohan (2004), entre outros. Ao final da pesquisa, notamos que o tradutor optou por traduzir a maioria das colocações verbais italianas por colocações na língua-alvo.

**Palavras-chave:** Colocações. Tradução. Linguística de *corpus*.

## INTRODUÇÃO

■ **N**este trabalho, investigaremos as colocações verbais italianas que aparecem no *corpus* paralelo composto pela obra italiana *Tre metri sopra il cielo*, de Federico Moccia (2004), e por sua tradução para o português

\* Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: ariane.lodi@outlook.com

\*\* Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: amadeusm@ibilce.unesp.br

\*\*\* Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: adrianeorenha@gmail.com

*Três metros acima do céu.* Para este artigo, selecionamos como colocados os verbos *fare* (fazer) e *prendere* (pegar, tomar) e buscamos observar como foram traduzidos na obra em português, de modo a verificar as opções tradutórias em relação àquelas escolhidas pelo autor italiano. Assim, o nosso intuito é analisar como o tradutor lida com as colocações verbais, na direção italiano-português, se ele conserva o sentido original do texto de partida e como isso se dá.

Para tal, utilizamos o programa WordSmith Tools (SCOTT, 2012) que, por meio de suas ferramentas Wordlist e Keywords, executou um tratamento mais seguro dos dados posteriormente analisados.

Além deste texto introdutório, o presente trabalho apresenta mais três seções. A seção “Subsídios teóricos” contém as seguintes subseções: “Colocações” e “Linguística de *corpus* e sua relação com os estudos da tradução”, nas quais apresentaremos, de modo geral, autores que contribuíram com suas pesquisas para a análise de aspectos teóricos das colocações, bem como procuraremos tratar da bem conhecida interdisciplinaridade entre a linguística de *corpus* e os estudos da tradução. Na seção “Metodologia”, abordaremos, em três subseções, o objeto de pesquisa, bem como as ferramentas de coleta de dados, seus procedimentos e a análise dos dados propriamente dita. E, na última seção, “Considerações finais”, recuperaremos o que foi investigado no trabalho, procurando mostrar seus resultados.

## SUBSÍDIOS TEÓRICOS

### Colocações

A colocação é uma entre tantas unidades fraseológicas existentes e, quando estiver relacionada a uma área técnico-científica, pode também ser estudada pela terminologia ou pela fraseologia especializada que possuem como objeto de estudo expressões especializadas. No caso deste artigo, as colocações levantadas aparecem na língua comum por meio dos diálogos de uma obra literária, ou seja, trata-se de colocações da língua geral que são estudadas, portanto, pela fraseologia.

Para Zuluaga (1980 apud CORPAS PASTOR, 1996), as colocações são construções linguísticas compostas, intermediárias entre livres e idiomáticas, uma vez que apresentam traços comuns a ambas. De acordo com Corpas Pastor (1996 apud ZULUAGA, 2002, p. 64), as colocações diferem dos sintagmas livres por estarem consagradas pelo uso repetido que lhes confere certa fixação arbitrária, como é possível constatar pelos exemplos “subir na vida”, ao invés de “escalar na vida”. No entanto, embora Zuluaga (2002) afirme que as colocações não apresentam problemas de decodificação, por serem perfeitamente compreensíveis e transparentes para os falantes que conhecem cada um dos seus componentes, ele declara que, em muitas combinações, existem elementos com sentido metafórico ou figurado, como em “matar o tempo”.

Corpas Pastor (1996) define colocações como unidades fraseológicas completamente livres, do ponto de vista do sistema da língua, mas que, ao mesmo tempo, apresentam certo grau de restrição combinatória determinada pelo uso, isto é, certa fixação interna (por exemplo, “chorar amargamente”, “desempenhar um cargo, uma função ou um papel”, “assumir uma responsabilidade”, “relação estreita”, “uma barra de chocolate”, “um dente de alho” etc.).

Orenha-Ottaiano (2009) salienta que, para Tagnin (1998, p. 41), as colocações são “combinações lexicais recorrentes, não-idiomáticas, coesas, cujos constituintes são contextualmente restritos e de coocorrência arbitrária”.

Segundo Rocha (2008, p. 61), denominam-se colocações as unidades fraseológicas que não constituem enunciados, mas parte deles. Elas são formadas por elementos unidos por uma relação sintática, mas que, por sua fixação na norma, acabam por apresentar restrições de combinações, de modo que “o colocado semanticamente autônomo (a base) não apenas determina a escolha do colocativo, mas também seleciona para este uma aceção especial, frequentemente de caráter abstrato ou figurativo<sup>1</sup>” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 67). Para Tagnin (1989, p. 30), serão colocações somente os casos em que a coocorrência dos elementos seja extremamente restrita.

Nesse mesmo sentido, Biderman (2005, p. 751) acredita serem as colocações sequências semanticamente transparentes, formadas de itens lexicais que geralmente coocorrem.

Contudo, essa autora fornece alguns exemplos de colocações, tais como “bancar o palhaço”, “entregar o ouro” e “ter cara de pau”, os quais, a nosso ver, são combinações semanticamente opacas, contrariando, assim, sua afirmação de que as colocações são sequências semanticamente transparentes.

Assim sendo, apesar da visível contradição ou falta de unanimidade entre teóricos no que se refere ao caráter semântico das colocações (se possuem sentidos idiomáticos/opacos/metafóricos/figurados/conotativos ou não idiomáticos/transparentes/literais/não figurados/denotativos), compartilhamos da visão de Tagnin (1998), para a qual as colocações não são idiomáticas.

Assim, algumas das características das colocações apresentadas por Tagnin (1998) são:

- *Recorrência*: há necessidade de que a combinação seja recorrente (frequente).
- *Não idiomaticidade*: seu significado é composicional, ou seja, o sentido da combinação pode ser deduzido do significado de cada um de seus elementos.
- *Coesão*: é necessário que haja uma ligação muito forte entre seus elementos, muito mais forte do que se esperaria de uma combinação qualquer.
- *Restrição contextual*: deve haver uma probabilidade de que ocorra dentro de um contexto específico.
- *Coocorrência arbitrária entre seus elementos*: ou seja, não há razão semântica que explique tal coocorrência.

A questão de restrição contextual foi analisada por Sinclair (1991), ao fazer menção às colocações, por meio do conceito chamado princípio idiomático, relacionado à escolha de sequências de palavras, que ele considera como o mais produtivo. Desse modo, “um usuário da língua tem à sua disposição um grande

<sup>1</sup> No original: “el colocado autónomo semánticamente (la base) no sólo determina la elección del colocativo, sino que, además, selecciona en éste una acepción especial, frecuentemente de carácter abstracto o figurativo.” Todas as traduções de citações presentes neste artigo são de nossa responsabilidade.

número de sintagmas parcialmente pré-construídos que constituem escolhas únicas, mesmo que eles possam aparentar ser analisáveis em segmentos” (SINCLAIR, 1991, p. 110).

Todavia, quem trabalha mais a fundo essa questão de restrição é Silva (2006, p. 17):

*As colocações têm a ver com os fenômenos de restrição combinatória sintagmática em função da “reproduzibilidade” destas unidades no discurso. Os falantes reconhecem as colocações como familiar e as empregam como se tratasse de um fragmento pré-fabricado. São lexemas solidários cuja combinação vem determinada pelo uso. São unidades sintagmáticas fixadas na norma. As colocações se subdividem em seis tipos dependendo, por um lado, da categoria gramatical e da relação sintática existente entre os colocados, e, por outro, dos aspectos semânticos relevantes encontrados nos colocados: substantivo (sujeito) + verbo; verbo + substantivo (objeto); adjetivo + substantivo; substantivo + preposição + substantivo; verbo + advérbio e adjetivo + advérbio. A base e o colocado podem aparecer separados. Podem ser verbais (sentir a necessidade, representar um papel, pôr um ovo), nominais (mentira colossal, fome canina) e adjetivais (bom pra cachorro).*

Diante das descrições estruturais das colocações, é possível lembrarmos-nos de Hausmann (1985 apud TAGNIN, 2002, p. 195) que esclarece que

*[...] as colocações são formadas por uma base – a palavra de maior carga semântica – geralmente um substantivo, mais um colocado. O nome da colocação será derivado do colocado. Assim, uma colocação de verbo + substantivo será uma colocação verbal.*

Essa afirmação é imprescindível para esta pesquisa, uma vez que focaliza as colocações de tipo verbal, escolhidas por serem mais recorrentes no *corpus* paralelo, ao ter como critério alguns verbos específicos aqui levantados pelo critério da chavidade, ou seja, selecionamos os primeiros verbos que apareceram na lista de palavras-chave, por meio da ferramenta Keywords do WordSmith Tools.

Embora a coleta das colocações verbais tenha sido simples dentro de um *corpus*, com o uso da ferramenta WordSmith Tools, sua disponibilidade nos materiais de consulta não é isenta de problemas, como aponta Tagnin (2002, p. 195):

*Apesar de serem em número bem menor, raramente são encontradas em dicionários da língua geral. Quando o são, vêm em geral listadas no verbete do verbo, que é justamente a incógnita da colocação. Em português, por exemplo, dizemos marcar uma consulta (“make a doctor’s appointment”) ou marcar um encontro (“make an appointment with someone”). Mas também dizemos marcar uma reunião, que corresponde ao inglês “call a meeting”.*

Diante das definições de colocações apresentadas, podemos concluir que a que mais nos interessa neste artigo é a definição de colocações verbais. As colocações investigadas neste trabalho foram compostas por seis verbos da língua italiana selecionados por chavidade.

## Linguística de corpus e sua relação com os estudos da tradução

As histórias da linguística de *corpus* e dos estudos da tradução se cruzam, uma vez que o surgimento da linguística de *corpus* proporcionou a realização de pesquisas mais aprofundadas nos estudos sobre tradução.

Para Baker (1993 apud AGUIAR, 2011, p. 2566), “a tradução, por muitas vezes, foi deixada de lado nos estudos da linguagem (inclusive da Linguística de Corpus), com a alegação de que os textos traduzidos não seriam representativos da língua de chegada propriamente dita”. Como salienta Haas (1968 apud AGUIAR, 2011, p. 2567),

*[...] duas expressões seriam equivalentes quando há uma correspondência entre seus usos. Esta mudança para a perspectiva situacional foi de profunda importância, pois deu suporte aos estudos descritivos da tradução, em especial os estudos baseados em corpus.*

Segundo Tognini-Bonelli (2001, p. 51), embora a linguística de *corpus* seja uma disciplina relativamente recente, pois nasceu em meados do século XX, “é por volta do final dos anos 1950 e começo da década de 1960 que o início da linguística de *corpus* pode ser localizado”<sup>2</sup>. Embora pesquisas baseadas em *corpus* datem do século XIX, é apenas por meio do advento da tecnologia, principalmente dos computadores, que a disciplina tornou-se viável, por tornar-se possível trabalhar com um grande número de dados.

Existem tipos diferentes de *corpus*: o paralelo, quando usa um texto-alvo e a tradução deste em outra língua, como é o caso de nossa pesquisa; o *do-it-yourself* (DIY), quando o *corpus* é coletado pelo próprio linguista; o comparável, que consiste em textos de uma língua A de um domínio específico ou de um tipo de texto específico e textos do mesmo domínio ou do mesmo tipo de texto na língua B; e *corpus* de aprendizes, feito por meio do trabalho de aprendizes com o objetivo de analisar a eficácia de certos métodos de aprendizagem, por exemplo.

Desse modo, é preciso dizer que, para que certos casos de problemas de tradução sejam solucionados, deve-se fazer uso de um *corpus* paralelo, visto que ele “fornece evidências do processo de mediação e das medidas tomadas [...] pelos tradutores para garantir mediação linguística e cultural”<sup>3</sup> (OLOHAN, 2004, p. 169).

Além disso, Olohan (2004, p. 170) acredita ser óbvio que o *corpus* paralelo

*[...] é uma vantagem importante para a formação do tradutor, principalmente como recurso lexical e terminológico, mas também ao fornecer informação sobre a estrutura de textos e discurso, um tipo de texto convencionalizado, e como uma fonte de dados nas estratégias de tradução empregadas por outros*<sup>4</sup>.

Com o auxílio da linguística de *corpus*, os estudos da tradução alcançaram o estatuto de disciplina linguística. Como explica Baker (2000 apud AGUIAR, 2011, p. 2567-2568) ao afirmar que

2 No original: “It is around the late 1950s and the early 1960s that the beginning of corpus linguistics proper can be located.”

3 No original: “provide evidence of the mediation process and the measures taken [...] by translators to ensure linguistics and cultural mediation.”

4 No original: “It is clear [...] that parallel corpora are considered an important asset in translator training, primarily as a lexical and terminological resource, but also in providing information about text and discourse structure, text-type conventions, etc., and as a source of data on translation strategies employed by others.”

[...] os estudos de tradução se limitavam a tal, enquanto que uma abordagem na qual o estilo do tradutor fosse investigado por meio de padrões era muito pouco utilizada. Tal abordagem parte da premissa que o estilo envolve padrões recorrentes de comportamento linguístico, em vez de intervenções individuais do tradutor. Portanto, para que tal estudo seja efetivo, é preciso contar com o auxílio de grandes quantidades de dados e de ferramentas de análise dos textos, como o que temos hoje à nossa disposição.

Além disso, o uso de *corpus* deixa o trabalho de quem lida com a elaboração de materiais de consulta – tais como os lexicógrafos – mais seguro, como aponta Meyer (2004, p. 17): “ao consultar um *corpus*, o lexicógrafo pode ficar mais seguro de que o resultado obtido reflete mais perfeitamente o significado real [atual] de dada palavra”<sup>5</sup>.

Por fim, conforme salientam Zyngier, Viana e Silveira (2011, p. 99):

*Passado um século, esta situação já não se sustenta e a necessidade de trabalhos inter- e transdisciplinares realizados por grupos de pesquisadores se torna cada vez mais premente. O pensar coletivo e a contribuição de visões e metodologias diversas cada vez mais se tornam essenciais para o fazer científico contemporâneo.*

Embora nessa citação os autores estivessem se referindo à interação entre a literatura e a linguística de *corpus*, o importante é que a mesma ideia de interfaces vale para outras disciplinas linguísticas, como a linguística de *corpus* e os estudos da tradução, conforme vimos nesta subseção.

Em suma, o que procuramos evidenciar foi que, como ponderam Anderman e Rogers (2007, p. 15), “a relação da linguística de *corpus* e a tradução é uma que ainda continua se desenvolvendo entre o sistema e o texto”<sup>6</sup>.

## METODOLOGIA

Nesta seção, descreveremos como foi feita a coleta e análise dos dados da investigação.

### Descrição dos dados

O *corpus* paralelo de análise é composto pelo primeiro livro do autor e diretor italiano Federico Moccia, intitulado *Tre metri sopra il cielo*, publicado inicialmente em 1992, que se torna um *boom* de vendas na década seguinte, quando é publicado novamente pela Editora Feltrinelli em 2004.

Devido ao grande sucesso alcançado pelo livro escrito para o público infanto-juvenil, que chega a ser vendido para todos os países europeus, bem como no Japão e Brasil, a obra acaba sendo traduzida para outras línguas, inclusive para o português, cuja tradução foi realizada pelo tradutor italiano Mario Fondelli e publicada pela Editora Rocco em 2005.

O livro analisado neste estudo conta a história do amor entre dois jovens de classe média alta que moram em Roma, nos anos 1990 (Babi Gervasi e Stefano

5 No original: “by consulting a corpus, the lexicographer can be more confident that the results obtained more accurately reflect the actual meaning of a particular word.”

6 No original: “The relationship of Corpus Linguistics to translation is one that still developing between system and text.”

Mancini), que enfrentam as suas diferenças de caráter. Ela é uma aluna e filha exemplar, e ele um garoto problemático que participa de rachas com sua moto e anda com más companhias. Apesar de os dois protagonistas amadurecerem juntos, no final da obra, após passarem por um período difícil, depois da morte do melhor amigo de Stefano em um racha, eles percebem que não conseguem superar suas diferenças e se separam.

### **Coleta e procedimento para análise dos dados**

Os textos foram coletados já digitalizados, em sua versão em italiano (texto original) e sua tradução em português. Juntos formaram um *corpus* paralelo, que é aquele que contém duas versões do mesmo texto, uma na língua de partida, outra na língua de chegada.

Para a análise dos dados, foi utilizado o programa WordSmith Tools (SCOTT, 2012), um *software* que realiza a análise textual ao gerar listas de palavras-chave entre um *corpus* de estudo e um *corpus* de referência, apresentando, também, a ferramenta Wordlist que gera as palavras mais frequentes no *corpus* de estudo.

Para que pudéssemos utilizar a ferramenta de palavras-chave (*keywords*), foi necessário haver um *corpus* de referência da língua portuguesa e outro da língua italiana. Para a língua portuguesa, lançamos mão do *Lácio-Ref*, um *corpus* do português contemporâneo do Projeto Lácio-Web, composto por textos em português brasileiro. Como *corpus* de referência do italiano, devido à não disponibilidade e à escassez de *corpora* de referências nessa língua, tivemos que utilizar, como alternativa, a tradução do *corpus* de língua inglesa BNC (*British National Corpus*), para a língua italiana que, por ser um *corpus* extenso, cobriria as limitações de não haver um *corpus* de referência, na língua italiana, que nos estivesse disponível.

Após os dois textos terem sido transpostos do formato original em “pdf” para a extensão “txt”, a fim de ser submetido ao processo de contagem de palavras e frequências pelo programa WordSmith Tools, analisamos os dados gerados, em busca de padrões que evidenciassem algum posicionamento do tradutor que se diferenciasse do original – o que fez com que chegássemos às colocações verbais.

Delimitamos a nossa pesquisa aos seis primeiros verbos que apareceram na lista de palavras-chave realizada com os *corpora* de língua italiana, com exceção dos verbos auxiliares *essere* e *avere*, pois nosso objetivo é partir da língua-fonte para analisar o modo como o tradutor traduziu, na língua-alvo, as colocações verbais.

Esses verbos foram: *guardare* (olhar), *fare* (fazer), *sorridere* (sorrir), *portare* (levar), *stare* (estar) e *prendere* (tomar). Todos esses verbos apareceram na terceira pessoa do presente do indicativo, o que era esperado pelo fato de o *corpus* de estudo ser composto por um texto com narrador onisciente, ou seja, que narra em terceira pessoa.

Durante a pesquisa, os dados revelaram que os verbos *fare* e *prendere* apresentariam resultados mais relevantes, visto que a tradução deles demonstraria um possível posicionamento diferenciado do tradutor em relação ao autor original. Dessa maneira, descartamos os outros verbos que havíamos selecionado primeiramente.

Como exemplo, destacamos, no Quadro 1, as sentenças contendo a colocação verbal italiana *prendere posto* (pegar lugar) e as suas respectivas traduções, que variam no decorrer da obra.

**Quadro 1** – Exemplos com a colocação *prendere posto* e traduções

<i>Arriva Daniela che prende posto lì vicino.</i>	Daniela também chega e pega uma cadeira ao lado da irmã.
<i>Prende posto anche lei vicino alla porta.</i>	Volta para o seu lugar perto da porta.
<i>Pallina prende posto tra la Giannetti e Silvia Festa che le sorride.</i>	Pallina se ajeita entre a Giannetti e Sílvia Festa.
<i>Martinelli prende posto nella poltrona di fronte a Paolo.</i>	Ele senta na poltrona na frente de Paolo.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Já nesse exemplo preliminar podemos notar a escolha do tradutor em não traduzir a colocação verbal italiana com uma colocação correspondente na língua portuguesa que seria “pegar lugar”. Na próxima seção, analisamos mais a fundo essas questões ao fazermos uma análise qualitativa e quantitativa de todos os dados.

### **Análise dos dados**

Antes de darmos início à análise dos dados, por estarmos analisando as escolhas feitas por um tradutor, como mencionamos anteriormente neste trabalho, é necessário atentarmos para este fato apontado por Baker (2000, p. 256): “identificar hábitos e estilos linguísticos não é um fim em si mesmo: só é válido se isso nos diz algo a respeito do posicionamento cultural e ideológico do tradutor”. E, num texto traduzido, é difícil decidirmos a quem ou a que atribuir tal posicionamento. Se ao autor original, à língua original ou ao tradutor. Ao analista cabe, portanto, achar um caminho para desatar esse nó.

Considerando que as escolhas feitas pelo tradutor em relação à tradução das colocações verbais mostram que ele optou por diferentes estratégias, no decorrer da tradução do livro, ora pela opção de traduzir por meio do emprego de uma colocação verbal e ora não traduzindo determinada colocação, trataremos, nesta subseção, dessas escolhas, por meio da análise de todos os casos de colocação verbal com os verbos *fare* e *prendere*.

Para começar, abordaremos as colocações encontradas com o verbo *fare*. Na primeira coluna do Quadro 2, apresentamos as sentenças em que a colocação verbal aparece na obra original, selecionadas conforme a ordem em que aparecem na obra, e, na segunda coluna, mostramos as sentenças correspondentes na obra traduzida.

**Quadro 2** – Colocações com o verbo *fare* que foram traduzidas por outra colocação

ITALIANO	VERSÃO EM PORTUGUÊS
<i>Fa il suo solito ghigno.</i>	Faz a costumeira careta.
<i>Si fa largo a spintoni.</i>	Consegue abrir caminho aos trancos e barrancos.
<i>Fa per andare verso di lei.</i>	Está a ponto de se aproximar.
<i>Fa un passo indietro.</i>	Dá um passo para trás.
<i>Fa il classico public.</i>	Está só fazendo a social de sempre.
<i>La segretaria se ne accorge ma non fa assolutamente nulla.</i>	A secretária percebe, mas não toma nenhuma atitude.
<i>Step torna lì con Pollo e glielo fa presente.</i>	Step volta com Pollo e se queixa do problema.
<i>Sono una ragazza che fa tendenza.</i>	Sou uma garota que cria tendências.
<i>Anche perché Dema le fa mille domande.</i>	Dema dispara uma rajada de perguntas.
<i>Magari fa nottata e si fa accompagnare da Pollo alla Falconieri mentre sua madre viene a prenderla da lei.</i>	É bem capaz de passar a noite fora e ir à Falconieri na moto de Pollo enquanto a mãe vem buscá-la aqui em casa.
<i>Babi fa segno di sì con la testa.</i>	Ela continua balançando a cabeça afirmativamente.
<i>Lei fa uno scatto indietro tentando di rientrare.</i>	Dá um pulo para trás para não ser vista.
<i>Dovunque vada fa sempre almeno una telefonata.</i>	Pollo dá pelo menos um telefonema.
<i>Fa l'appello.</i>	Faz a chamada.
<i>Fa solo danni.</i>	Só sabe dar prejuízo.
<i>La notizia fa presto il giro della scuola.</i>	A notícia logo toma conta da escola.
<i>Fa colazione.</i>	Toma café [da manhã].
<i>Fa le scale di corsa.</i>	Sobe as escadas correndo.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Por meio da análise do Quadro 2, podemos notar algumas escolhas pontuais do tradutor.

Primeiramente, temos a tradução da seguinte sentença: *La segretaria se ne accorge ma non fa assolutamente nulla* (em português, “A secretária percebe mas não faz absolutamente nada”), em que, embora a mesma colocação verbal “faz absolutamente nada” pudesse ter sido a escolhida pelo autor na tradução, ele optou por outra: “não toma nenhuma atitude”.

## TRADUÇÃO

No quadro, também aparece a colocação italiana *fa mille domande* (“faz mil perguntas”) em que o autor escolhe, como tradução, “dispara uma rajada de perguntas”, optando, assim, por uma colocação mais conotativa na língua-alvo.

Outro exemplo que evidencia a escolha pessoal do tradutor é “faz sinal de sim com a cabeça” (*fa segno di sì con la testa*) que ele opta por “continua balançando a cabeça afirmativamente”, mudando o sentido original de uma ação já realizada para uma ação contínua por meio do uso de gerúndio.

Analisados os casos em que o tradutor traduziu as unidades fraseológicas tendo como colocado o verbo *fare* por outras unidades fraseológicas, vamos aos casos em que ele não optou pela tradução com o uso de uma combinação fraseológica.

**Quadro 3** – Colocações com o verbo *fare* que não foram traduzidas por uma colocação

ITALIANO	VERSÃO EM PORTUGUÊS
<i>Fa una panoramica dei canali televisivi.</i>	Zapeia os canais da tevê.
<i>Fa prendere aria a una divertente tuta di raso blu.</i>	Faz esvoaçar um lindo conjunto de cetim azul.
<i>Fa peggio di tutte.</i>	Mais prejudicial dos cigarros.
<i>Step le fa il verso.</i>	Step a provoca.
<i>Fa una gincana fra la gente.</i>	Finge que vai atropelar o pessoal que está ao redor.
<i>Invece s'è ostinato a prendere Economia e Commercio anche se davanti ai professori fa quasi sempre scena muta.</i>	Mas, em vez disso, botou na cabeça que queria estudar Administração de Empresas, mesmo que diante dos professores sempre pareça ser mudo.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Conforme pode ser observado no Quadro 3, na primeira sentença, o tradutor opta pela tradução da colocação *fa una panoramica dei canali televisivi* por “zapeia os canais da tevê”. A nosso ver, a colocação “dá uma passada rápida pelos canais” nos parece mais adequada nesse contexto, pois, embora “zapear” seja um verbo existente na língua portuguesa por empréstimo do substantivo masculino *zapping* do inglês e se refira ao ato de mudar constantemente os canais da televisão por meio do controle remoto, trata-se de um verbo novo e ainda pouco frequente na língua portuguesa da variante brasileira, tanto que não é registrado pelo dicionário *Aurélio – século XXI*. Desse modo, seu uso pode causar certa estranheza no leitor brasileiro.

Essa escolha lexical nos faz repensar na seguinte afirmação de Tagnin (2002, p. 193-194):

*Caso o tradutor selecione uma dessas formas possíveis, em detrimento da mais provável, produzirá uma tradução não natural, não fluente. Esse problema certamente se agravará quando o tradutor não estiver traduzindo para sua língua materna.*

Não obstante, ao lembrarmos de que o tradutor em questão está traduzindo de sua língua materna, o italiano, para uma língua estrangeira, isso explicaria o fato de a sentença não ter ficado tão fluente no português.

Além dessa ocorrência, chamou-nos a atenção, também no Quadro 3, o caso de *fa quasi sempre scena muta*, por se tratar de um fraseologismo que teria como correspondente, em português, “quase nunca não abre a boca”, remetendo ao ato de ficar calado. O tradutor escolheu traduzir por “sempre pareça ser mudo”, o que sugere ter perdido um pouco seu sentido metafórico.

A seguir, passamos à análise das colocações verbais que possuem como colocado o verbo *prendere*.

**Quadro 4** – Colocações com o verbo *prendere* que foram traduzidas por outra colocação

ITALIANO	VERSÃO EM PORTUGUÊS
<i>Prende improvvisamente vita.</i>	Toma vida inesperadamente.
<i>Martinelli prende l'ascensore e sale al quarto piano.</i>	Martinelli pega o elevador e sobe ao quarto andar.
<i>Sergio prende in consegna il motorino.</i>	Sérgio dá uma olhada na scooter.
<i>Step che è sovrappensiero si prende un colpo.</i>	Step, que está com a cabeça bem longe dali, quase tem um troço.
<i>prende in pieno la Vespa di Valentina.</i>	Caindo como uma pedra bem em cima da Vespa de Valentina.
<i>Babi prende coraggio.</i>	Babi respira fundo.
<i>Il tassinaro si prende un colpo ma non dice nulla.</i>	O motorista leva um susto tão grande que quase tem um troço, mas mesmo assim não diz nada.
<i>Un calcio da dietro la prende in pieno nel sedere spingendola in avanti.</i>	Um pontapé por trás acerta Babi em cheio no traseiro empurrando-a para a frente.
<i>Si mette la divisa e alla fine, infilandosi le scarpe, prende la sua decisione.</i>	Já de uniforme, enquanto calça os sapatos, toma uma decisão.
<i>Quindi se lei la prende di petto.</i>	Se a senhora ficar de marcação com a Babi.
<i>Babi prende coraggio.</i>	Babi toma coragem.
<i>Con Siga che prende le puntate.</i>	Com Siga que toma nota das apostas.
<i>Ma un senso di tristezza le prende ugualmente il cuore.</i>	Mas sim um sentimento de tristeza que toma conta do seu coração.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No Quadro 4, dois exemplos, em especial, chamaram a nossa atenção. O primeiro é o caso da colocação verbal italiana *prende in consegna*, a qual equivaleria

em português às colocações “assume o controle” ou “toma a cargo”. O tradutor optou pela colocação “dá uma olhada” que, a nosso ver, parece alterar o sentido que o autor do livro original havia proposto.

Outro caso em que o autor poderia ter usado uma colocação mais usual na língua portuguesa ocorre com *prende in pieno*, que possui como correspondente “pega em cheio”. Nesse exemplo, o tradutor preferiu traduzir pela colocação “cai bem em cima”, referindo-se a uma pedra que acertara a moto de uma das personagens.

Além desses, temos o caso da colocação verbal italiana *prende coraggio*, o que corresponderia a “toma coragem”, em que o tradutor preferiu traduzir pela colocação “respira fundo”. A colocação “tomar coragem” existe e é frequente na língua portuguesa. Todavia, nesse caso, por meio do contexto, a colocação escolhida “respira fundo” pode fazer o leitor entender que a personagem precisa tomar coragem.

A seguir, após a análise do Quadro 4 com as unidades fraseológicas com o verbo *prendere*, passamos a discutir algumas escolhas do tradutor que poderiam ter sido feitas com o uso de colocações correspondentes existentes na língua-alvo, mas que não foram traduzidas por outros fraseologismos por opção do tradutor.

**Quadro 5** – Colocações com o verbo *prendere* que não foram traduzidas por uma colocação

ITALIANO	VERSÃO EM PORTUGUÊS
<i>Arriva Daniela che prende posto lì vicino.</i>	Daniela também chega e pega uma cadeira ao lado da irmã.
<i>Step lo prende a schiaffi.</i>	Step começa a esbofeteá-lo.
<i>Prende posto anche lei vicino alla porta.</i>	Volta para o seu lugar perto da porta.
<i>Pallina prende posto tra la Giannetti e Silvia Festa che le sorride.</i>	Pallina se ajeita entre a Giannetti e Sílvia Festa.
<i>È ripresa al volo dalla Giacci che la prende in giro di fronte alla classe.</i>	É repreendida na mesma hora pela Giacci, que a humilha diante de toda a turma.
<i>Martinelli prende posto nella poltrona di fronte a Paolo.</i>	Ele senta na poltrona na frente de Paolo.
<i>Anche l'altro ragazzo prende un po' di coraggio.</i>	O outro rapaz também parece ter encontrado coragem para falar.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

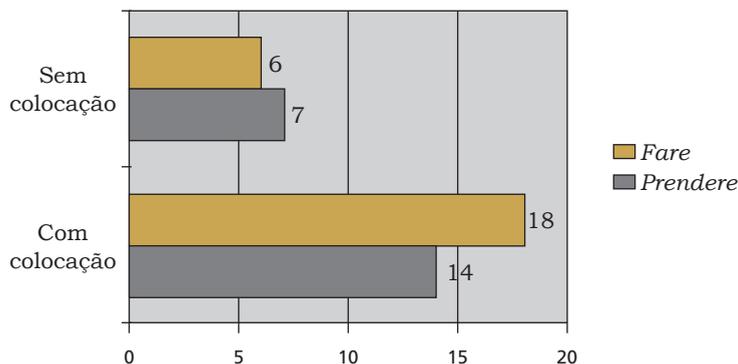
No Quadro 5, aparecem casos de colocações como *prende posto* que, segundo havíamos antecipado na subseção anterior, poderiam ter sido traduzidas pela colocação “tomar lugar”. Notamos que, além de o tradutor não ter optado por manter um fraseologismo, ele traduziu a combinatória por meio de correspondentes diferentes na língua portuguesa, nas quatro vezes em que essa colocação verbal italiana apareceu no *corpus* formado pela obra italiana.

Outro caso em que o autor traduziu a mesma colocação, usando mais de um correspondente, foi *prende un po' di coraggio*. O autor já havia traduzido essa combinatória pela colocação “respira fundo”, em outra parte do livro, em vez de usar a forma “toma coragem”, como já ponderado por nós anteriormente. O tradutor decide, agora, traduzir por “parece ter encontrado coragem” que, além de não ser a escolha mais segura, altera o sentido do texto original, devido ao uso do verbo modalizador “parecer”, o qual evidencia uma atitude hesitante ou duvidosa que não aparece no original.

Por fim, apesar dos apontamentos críticos sobre as escolhas tradutórias do tradutor, mencionados anteriormente, acreditamos que ele seja muito experiente e demonstrou um grande conhecimento de ambas as línguas. Além disso, sabemos que não é porque optou por traduzir uma colocação de um modo em uma parte do texto que ele necessita traduzir no livro inteiro do mesmo modo, porque entendemos que o contexto também influencia nessas escolhas tradutórias. É que nosso intuito nesta pesquisa foi o de analisar criticamente esse processo, por isso, esses apontamentos precisaram ser destacados.

Finalizada a análise qualitativa dos dados, daremos início à análise quantitativa. Para isso, analisaremos o Gráfico 1, no qual apresentamos o total de colocações presentes no livro original com os verbos *fare* e *prendere*. Além disso, podemos verificar a quantidade de vezes em que, na tradução, o correspondente na língua-alvo foi atribuído por meio do uso de uma colocação ou não.

**Gráfico 1** – Contabilização das expressões traduzidas por colocações verbais ou não



Fonte: Elaborado pelas autoras.

O Gráfico 1 representa a análise quantitativa dos dados relacionados às colocações verbais italianas que apresentaram, como colocado, os verbos *fare* e *prendere*, evidenciando se essas foram traduzidas por meio de uma colocação na língua portuguesa ou não. Notamos que o verbo *fare* apresentou 24 colocações, já que o tradutor optou por traduzir essas colocações verbais italianas, na maior parte das vezes, por colocações verbais do português brasileiro. A quantidade de vezes em que o tradutor utilizou-se de colocações, na tradução das combinatórias com o verbo *fare*, se deu na proporção de três quartos, isto é, do total de 24 ocorrências, apenas seis não foram traduzidas fraseologicamente. Já com *prendere*, o verbo apareceu como colocado 21 vezes, e o tradutor o traduziu para o

português, fazendo uso de uma colocação, em 14 vezes – o que significa que as combinatórias foram traduzidas fraseologicamente numa proporção de dois terços.

Por fim, após a análise qualitativa e quantitativa dos dados, a conclusão a que podemos chegar é que o tradutor procurou manter o uso de fraseologismos na língua-alvo na maior parte de suas traduções, embora também fosse possível manter o emprego destes em mais casos. Outra questão que pudemos perceber foi que o tradutor optou por traduzir uma mesma colocação na língua italiana por diferentes colocações ou palavras em português, possivelmente almejando uma maior fluência na língua-alvo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto neste trabalho sobre tradução de colocações verbais, verificamos que as escolhas feitas pelo tradutor mostram seu conhecimento na língua-alvo, ou seja, no português da variante brasileira. Notou-se, todavia, que o tradutor cometeu alguns deslizos colocacionais, como no caso do uso do verbo zapear, na colocação “zapear os canais da tevê”. Essa colocação, embora exista na língua portuguesa, não é de uso frequente, tampouco seria usada por uma adolescente – conforme ocorreu no livro –, o que pode ser justificado por sua língua materna não ser a língua-alvo.

Por meio das análises, notamos que o tradutor conhece, de forma geral, a convencionalidade da língua para a qual traduz, dado esse importante para que uma obra tenha boa aceitação na língua para a qual foi traduzida. Conforme afirma Orenha-Ottaiano (2004, p. 2),

*[...] para que um tradutor seja fluente e para que suas traduções e versões sejam um reflexo da linguagem em uso, é necessário que o mesmo tenha consciência do fator convencionalidade na língua e transponha esse conhecimento em suas traduções.*

Embora reconheçamos que o escopo deste trabalho – a análise de colocações verbais a partir dos colocados *fare e prendere* – não nos permita fazer generalizações acerca das escolhas do tradutor, haja vista que para isso seria necessário analisarmos todas as colocações presentes nessa obra, bem como em outras obras traduzidas pelo mesmo tradutor, podemos perceber que o tradutor estabelece padrões linguísticos que evidenciam suas escolhas ideológicas e de conhecimento fraseológico.

## INTERDISCIPLINARY BETWEEN PHRASEOLOGY, CORPUS LINGUISTICS AND TRANSLATION STUDIES: ANALYSIS OF VERBAL COLLOCATIONS IN THE ITALIAN NOVEL *TRE METRI SOPRA IL CIELO* AND ITS TRANSLATION INTO PORTUGUESE

**Abstract:** This paper aims to describe the results of a research about the analyses of verbal collocations extracted from a parallel corpus formed by the Italian literary work *Tre metri sopra il cielo* and its translation into Portuguese. Therefore, we used the program WordSmith Tools that collaborated in the choice of verbs analyzed. On that account, our study is based on the theoretical framework related to collocations (ORENHA-OTTAIANO, 2009; BIDERMAN, 2005, among others) and its interface with the *corpus* linguistics and translation

studies (BAKER, 2000; TOGNINI-BONELLI, 2001; OLOHAN, 2004, among others). According to the results of our investigation, it was possible to note that the translator chose to translate most Italian verbal collocations into verbal collocations in the target language.

**Keywords:** Collocations. Translation. *Corpus linguistics*.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, F. B. Tradução e tecnologia: a linguística de *corpus* como ferramenta para estudo do estilo do tradutor. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. XV, n. 5, t. 3, p. 2566-2577, 2011.
- ANDERMAN, G.; ROGERS, M. The linguist and the translator. In: ANDERMAN, G.; ROGERS, M. (Ed.). *Incorporating: the linguist and the translator*. Clevedon: Multilingual Matters, 2007. p. 5-17.
- BAKER, M. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, Cambridge, v. 12, n. 2, p. 241-266, 2000.
- BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (Org.). *Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. v. II, p. 747-757.
- CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseología española*. Madrid: Editorial Gredos, 1996.
- MEYER, C. F. Corpus analysis and linguistic theory. In: MEYER, C. F. *English corpus linguistics – an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 1-29.
- MOCCIA, F. *Tre metri sopra il cielo*. Roma: Feltrinelli, 2004.
- MOCCIA, F. *Três metros acima do céu*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- OLOHAN, M. Corpora in translator training. In: OLOHAN, M. *Introducing corpora in translation studies*. New York: Routledge, 2004. p. 168-175.
- ORENHA-OTTAIANO, A. Aplicações léxico-terminográficas da linguística de *corpus*: relato da elaboração de um glossário bilingue de colocações na área de negócios. *Intercâmbio*, São Paulo, v. 13, p. 1-8, 2004.
- ORENHA-OTTAIANO, A. *Unidades fraseológicas especializadas: colocações e colocações estendidas em contratos sociais e estatutos sociais traduzidos no modo juramentado e não-juramentado*. 2009. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)–Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.
- ORTÍZ ALVAREZ, M. L. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino do português como língua estrangeira*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- ROCHA, C. M. C. *As expressões idiomáticas da língua portuguesa resultantes da relação estabelecida pelo português-espanhol e a motivação metafórica que as subjaz*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem)–Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

- SCOTT, M. *WordSmith Tools 6.0*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- SILVA, M. B. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 1, n. 28, p. 11-20, jan./dez. 2006.
- SINCLAIR, J. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- TAGNIN, S. E. O. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.
- TAGNIN, S. E. O. *Convencionalidade e produção de texto: um dicionário de colocações verbais inglês/português; português/inglês*. 1998. Tese (Livre-Docência)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- TAGNIN, S. E. O. Os *corpora*: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 9, p. 191-213, 2002.
- TOGNINI-BONELLI, E. Corpus issues. In: TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus linguistics at work*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. p. 47-63. (Studies in Corpus Linguistics, v. 6).
- ZULUAGA, A. Los “enlaces frecuentes” de María Moliner: observaciones sobre las llamadas colocaciones. *LEA: Lingüística Española Actual*, v. 24, n. 1, p. 97-114. 2002.
- ZYNGIER, S.; VIANA, V.; SILVEIRA, N. G. Discurso literário e linguística de *corpus*: uma visão empírica. *Cadernos de Letras*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 99-107, jul. 2011.

Recebido em novembro de 2013.

Aprovado em agosto de 2014.